

O FALAR DA LINGUAGEM EM PESQUISA FENOMENOLÓGICA SOBRE A POÉTICA DO PESQUISAR

Gustavo Alvarenga Oliveira Santos

Resumo

Esse texto tem como intuito resgatar a concepção de linguagem embutida em uma conferência de 1950 de Martin Heidegger, para, num segundo momento propor essa concepção como um suporte para a pesquisa fenomenológica. Argumenta-se que o que se obtém em uma pesquisa deve ser uma poíesis, no sentido heideggeriano.

Palavras chave: Heidegger, Pesquisa fenomenológica, Linguagem, Poíesis.

Abstract

This paper has as objective, to rescue the conception of language in a 1950's Heidegger's conference, for, in a second moment to propose this conception as a support for the phenomenological research. This text argues that what is obtained in a research must be a poiesis, in the heidegger's sense.

1-) INTRODUZINDO.

A pesquisa fenomenológica se faz em um colher de palavras que se aglutinam em núcleos de significados que perpassam diferentes depoimentos. Ela faz aquilo que Sartre chama razão de série, ou seja:

“Em um objeto singular podemos sempre distinguir qualidades como cor, odor, etc. E, a partir delas, sempre pode-se determinar uma essência por elas compreendida, como o signo implica a significação, O conjunto objeto-essência, constitui um todo organizado: a essência não está no objeto, mas é o sentido do objeto, a razão da série de aparições que o revelam.” Sartre (1943/1997)

Ou seja, trata-se daquilo que se manifesta no fenômeno, em diferentes prismas (abschattung) , mas que clama a uma unidade, o Ser do fenômeno. Quando investigamos experiências em busca de seus significados, buscamos esse Ser e nesse texto trataremos dele Ser enquanto Logos.

A pesquisa orientada fenomenologicamente visa o significado das vivências que vão esclarecer o sentido da experiência pesquisada:

“A pesquisa fenomenológica está dirigida para significados, ou seja, para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe. Ao se concentrar nos significados, o pesquisador não está preocupado com fatos, mas como que os eventos significam para os sujeitos da pesquisa.” Martins & Bicudo (1994)

Evidente que as pesquisas, de cunho fenomenológico, não se contentam, em geral, em descrever unicamente os significados da experiência de um sujeito único, mas buscar a estrutura do fenômeno estudado comparando os diversos depoimentos naquilo que eles apresentam em comum, ver Martins & Bicudo (1994).

Isso só se pode se dá através, aliás, na linguagem. Desde a coleta inicial ao relato final, dá-se um jogo de signos que se intercalam montando uma rede de significados que tem como intuito clarificar uma experiência que se está investigando, chegar à estrutura do fenômeno.

Sabe-se que Heidegger deixou Ser e Tempo inconcluso, uma vez que pela própria estrutura da linguagem tal como era formada, a obra permaneceria, presa à tradição metafísica que sua ontologia tratava de derrubar. Daí o autor voltou-se a estudar a tradição do pensamento ocidental, desembocando na questão da linguagem, e seu estatuto ontológico.

Ao propor que a Linguagem é a morada do Ser, Heidegger afasta-se das concepções humanistas e metafísicas que imporiam a primazia do sujeito em relação à linguagem, permanecendo esse como o enunciador daquilo que é dito.

Partindo do pressuposto de que o fazer da pesquisa é um fazer da linguagem, e não um fazer que se utiliza da linguagem como ferramenta, uma concepção de linguagem, e por conseguinte do fazer pesquisa, faz-se necessária no intuito de nos livrarmos da ingênua idéia da língua como mera exteriorização de um estado interno, como se a fala pudesse de todo pertencer ao sujeito que a enuncia.

Desse modo esse texto vai em busca do que deve falar a pesquisa, a que estatuto pertence, bem como contribuir para o debate da validação da pesquisa fenomenológica enquanto ciência.

2-) DO CAMINHO DA LINGUAGEM À LINGUAGEM A CAMINHO O RESSOAR DA QUIETUDE DA DI-FERENÇA...

Em uma conferência conhecida como: A Linguagem (1950) Heidegger procura elucidar o Ser da linguagem enquanto morada do próprio Ser: “pensar desde a linguagem significa: alcançar de tal modo a fala da linguagem que essa fala aconteça como o que concede e garante uma morada para a essência, para o modo de ser dos mortais.”, e para isso elege a poíesis como linguagem privilegiada:

“Se devemos buscar a fala da linguagem no que se diz, faríamos bem em encontrar um dito que se diz genuinamente e não um dito qualquer, escolhido de qualquer modo. Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que se diz genuinamente é o poema.” Heidegger (2004)

O filósofo se preocupa nessa conferência não com o falar dos mortais, mas com o falar da linguagem que acontece ao homem. Para tal refere-se a um poema de George Trakl intitulado: Uma tarde de inverno. Não nos é necessário para esse artigo descrever o poema na íntegra, mas apontar os caminhos que Heidegger vai nos apontando para o destrinchar da busca da fala da linguagem, o autor conclui: “A linguagem fala quando o chamado da di-ferença evoca e convoca mundo e coisa para a simplicidade de sua intimidade.” (Heidegger, 1950/2004)

O homem se apropria do falar da língua, quando escuta a fala da linguagem que soa da di-ferença:

“A di-ferença não é distinção nem relação. A di-ferença é, acima de tudo, dimensão para mundo e coisa. Mas neste caso, “dimensão” também não mais significa uma delimitação já presente independentemente, na qual isso ou aquilo venha a se assentar. A di-ferença é a dimensão, enquanto dá a medida e distribui proporcionalmente mundo e coisa, cada um para si mesmo.” Heidegger (1950/2004)

Di-ferença aqui tem um sentido único, o do entre mundo e coisa que “...não estão acoplados um ao lado do outro como coisas justapostas. Eles se interpenetram.” (Heidegger, 2004), mas sim no ponto em que se dimensionam, na sua interpenetração, nesse sulco aí, soa a linguagem. Assim há uma intimidade que une e distingue ambos, mundo e coisa, e é de onde a linguagem soará.

O homem no falar da língua está poetizando, habitando a quietude íntima da di-ferença entre coisa e mundo. Pois é nessa intimidade que a linguagem co-apresenta o mundo à coisa e a coisa ao mundo, sendo assim, logos. O logos, habitat do homem, que é a linguagem em seu

próprio falar, refere-se a um sentido unificador mundo coisa coisa mundo, em que há o falar da linguagem.

A di-ferença que chama mundo a coisa e coisa a mundo, aquieta ambos. Aquieta no sentido de fazer com que a coisa seja plenamente coisa e o mundo plenamente mundo, e se façam um no outro, no entre da di-ferença. A linguagem é esse chamado de coisas a mundos e mundos a coisas no encontro íntimo dessas dimensões que se plenificam no seu di-ferir.

Em termos mais simples, a linguagem fala na medida em que alcança seu caráter de símbolo, ou seja de unificar em um só dito a vivência e a representação que se tem dessa, aquietando a “agitação” característica dessa di-ferença. Assim a linguagem fala na poesia, não a poesia gênero literário;

“Desse modo é a poesia, o trabalho originário do pensamento, e graças à sua matéria que é a palavra, o sentido chega à luz. A linguagem não é expressão do pensamento, mas a linguagem poética existe na interseção com o pensamento. Portanto, a tarefa do pensamento, primordialmente, é buscar o ser no seu lugar de origem, que é a Poiesis, enquanto aquilo que possibilita que algo seja dito, porque noemado. Que algo seja dito é o ser enquanto sentido.” Huhne (1994)

Assim a Poesia, como linguagem privilegiada, possibilita que o Ser se revele enquanto sentido, vejamos como isso aparece na poesia de Chico Buarque de Holanda, intitulada: Uma Palavra:

Uma Palavra.

Palavra prima

Uma palavra só, a crua palavra

Que quer dizer

Tudo

Anterior ao entendimento, palavra

Palavra viva

Palavra com temperatura, palavra

Que se produz

Muda

Feita de luz mais que de vento, palavra

Palavra dócil

Palavra d'água pra qualquer moldura

Que se acomoda em balde, em verso, em mágoa

Qualquer feição de se manter palavra.

Palavra minha

Matéria, minha criatura, palavra

Que me conduz

Mudo

E que me escreve desatento, palavra

Talvez, à noite

Quase-palavra que um de nós murmura

Que ela mistura as letras que eu invento

Outras pronúncias do prazer, palavra

Palavra boa

Não de fazer literatura, palavra

Mas de habitar
Fundo
O coração do pensamento, palavra

O poema versa sobre a busca pela palavra primordial, cujo significado está aquém de deter qualquer significação: palavra crua, nua, despida de um referente, significando assim: Tudo. O poema segue descrevendo a apropriação da palavra pelo falante; palavra informe, que é água, mas se acomoda nos baldes, nos versos e nas mágoas. Já na quinta estrofe a palavra já aparece como criatura do próprio criador, mas que, paradoxalmente, é o que o conduz mudo e que ao invés de ser por ele escrita, é o que lhe escreve quando desatento.

Em noite, o quase-palavra se entremeia aos monossílabos do prazer, que sequer pronunciáveis, aproxima-se da palavra pura, boa. A última que não é mera ferramenta de construção literária, mas que habita o próprio coração do pensamento. Palavra embebida de seu próprio silêncio gerador, quieta na intimidade da qual soa, no interstício que anuncia mundo e coisa, coisa e mundo.

O poeta fala no poema da própria busca pela fala da linguagem, aquela que soa do íntimo da di-ferença. Nota-se que a fala da fala segundo o poeta é maleável em seu acomodar: “palavra d’água pra qualquer moldura”, mas que fala através dele em seu silêncio, “que me conduz mudo.” Não é mero utensílio à sua própria criação, mas já habita o coração do pensamento. Essa é a busca da palavra para a poesia, não uma palavra que se encontra, mas um deixar-se encontrar pela palavra o que o autor quer encontrar.

A poiesis é a própria linguagem que soa da quietude que une mundo e coisa e coisa e mundo, habitando essa di-ferença. Heidegger nos mostra que o homem fala a fala da linguagem quando, do silêncio de uma antecipação, deixa-se co-responder a essa língua que fala..

Antecipar significa aqui um co-responder a di-ferença entre mundo e coisa, “a escuta extrai do chamado da di-ferença o que é levado a soar em palavra. A fala que escuta e extrai é uma co-respondência.” Heidegger (1950/2004)

Ou seja, o falar a língua da língua é um mais escutar do que dizer esse soar que brota da quietude da di-ferença. Assim, na poiésis o falar da linguagem fala, inserida em um campo de alteridade. A língua fala quando não falamos por ela, quando antecipamos um vazio que ela possa vir a habitar.

3-) SOBRE A POÉTICA DA PESQUISA.

Fazer pesquisa fenomenológica é, pois, aprender a falar na fala da linguagem o que se dá na escuta antecipada do Outro, escuta silenciosa, que possibilite o aparecer da fala enquanto fala da linguagem.

A pesquisa fenomenológica é feita, em geral, seguindo a orientação de quatro momentos distintos: A-) O colher dos depoimentos, B-) O sublinhar dos diferentes núcleos de significado, C-) A eleição dos chamados temas invariantes; D-) A discussão sobre esses temas.

Cabe ao pesquisador estar atento para que a Fala, não do Outro propriamente, mas a da própria Linguagem, possa emergir e apontar o logos, que dê sentido ao palavreado que se tem desde a coleta dos dados. A pesquisa nada mais é que um tratar esse palavreado no escavar das palavras “primas”, como aludidas no poema. A habilidade do pesquisador está em fazer silêncio para que as palavras possam emergir da fala do entrevistado como um poema. Daí o fazer poema em pesquisa requer mais uma atitude do que um aplicar de técnicas estanques.

No colher dos depoimentos o silêncio deve possibilitar que o outro diga. O depoente deve encontrar no pesquisador um acolhimento propício à produção de um dizer genuíno. Nos momentos que se seguem, o pesquisador, mais do que produzir padrões lingüísticos ou categorias, deve estar atento a um logos que a própria linguagem vem a revelar no seu dizer através dos depoentes. Antecipar o que já está lá e soa da di-ferença entre mundo e coisa.

Na condição de habitar o espaço entre a terra e os deuses o homem tem no símbolo uma reunificação quieta de sua existência. A linguagem que expressa essa união é a poiésis. Assim a pesquisa não deve privilegiar a fala dos particulares, mas a própria fala dessa linguagem que soa da di-ferença da quietude. Quando se sublinha os núcleos de significado, por exemplo, a atitude

deve ser a de encontrar no amontoado de palavras um núcleo que revele o logos que ali se apresenta.

A palavra logos, comumente entendida como sentido, ou estudo, tem, em seu sentido original, uma referência a colher, ajuntar aquilo que brota da physis. O poeta, pesquisador, deve ser esse que ajunta o que brota dos falares que escuta. Ajuntando em temas invariantes, ele se aproxima do falar da linguagem implícito no falar dos depoentes.

O que se atinge é esse logos, um poema, e aqui está a validade científica da pesquisa fenomenológica que passa pelo crivo da generalização. A pesquisa será mais genérica quão mais possa se aproximar da fala da fala, a poiésis. Não se atinge aqui um fato, ou algo que, aplicado, pudesse ser passível de verificação em outros contextos, mas um sentido que perpassa os falares humanos e soa da quietude.

O significado não é apreendido em termos categóricos, mas na forma em que se expressa em um sentido, que se apreende na leitura daquilo que se escuta como o falar da linguagem.

Discutir, como o que se sugere no último momento da pesquisa, é demonstrar como esses sentidos apreendidos estão em consonâncias a outros e podem nos clarificar rumo à compreensão mais ampla da experiência humana no mundo. Uma pesquisa fenomenológica deve ser avaliada no quão ela pode ampliar essa compreensão, embutidas nos sentidos que ela pode encontrar.

Daí é uma pesquisa que encontra o Outro, não o próprio outro do pesquisando, mas o Outro que perpassa os outros depoentes, o Outro que está no entre e faz-se soar pela linguagem na di-ferença que une terra a céus, céus a terra.

Temos então que o que se tem como resultado de uma pesquisa fenomenológica não deve se tratar de uma série de categorias que denotam a experiências de sujeitos em um contexto particular. Quando se tem como pressuposto a fazer da pesquisa enquanto um buscar da fala da fala, deve se estar atento à busca de significados que remetam ao próprio ser da linguagem como tal.

O que se tem é um logos e o pressuposto do que perpassa os diversos depoimentos é de caráter ontológico. A poesia que se obtém como descritiva das diferentes experiências relatadas deve apontar ao significado ontológico daquilo que se colheu.

4-) CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Tendo por base o fazer da pesquisa fenomenológica como uma poiésis. Esse texto se propõe como uma reflexão fundamentada do fazer pesquisa fenomenológica, livrando da concepção ingênua de um dizer que pertença de todo aos sujeitos que a enunciam.

Segundo a concepção que trazemos aqui, a pesquisa fenomenológica não está focalizada na experiência subjetiva mas num apreender de significados que se traduzem através das falas dos enunciantes. Um poema pode e deve servir como relato final de uma pesquisa de cunho fenomenológico e pode mostrar que o que se alcançou, como resultado, tem um caráter ontológico, pois se clarificou uma experiência no deixar escutar a fala da fala. “Dou uma pequena pista para quem quiser escutar não se trata de ouvir um série de frases que enunciam algo, o que importa é acompanhar a marcha de um mostrar” (Heidegger apud Figueiredo; 1994).

Esse mostrar que se dá na fala da fala muitas das vezes é confundido como uma enunciação de algo como significado. Os significados que se apreendem de uma pesquisa já estão por ai deixando-se ser escavados e, acompanha-los, é deixar que se reúnam num todo poético que aquieta e faz sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Por uma psicologia humana. Aliena Editora. Campinas. 2001.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica. Editora Escuta. São Paulo, 1994.

HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2ed. Ed. Vozes. São Paulo, 2004.

HUENE, Leda Miranda(org). Fernando Pessoa Martin Heidegger: o poeta pensante. Ed. Uapê. Rio de Janeiro, 1994.

MARTINS, J. BICUDO, M.A.V.. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. 2 ed. São Paulo (SP). Editora Moraes. 1994

SARTRE, J.P. O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica. 5 ed. Editora Vozes. Petrópolis, 1997.